

HERDEIROS DO DESEJO

THE SPANISH DUKE'S VIRGIN BRIDE

Chantelle Shaw



Um homem com coração de ferro...

O duque Javier Herrera é um impiedoso bilionário espanhol. Ele aprendeu da forma mais difícil a jamais se apaixonar. Agora, precisa se casar se quiser herdar o banco da família.

... e uma chance de realizar sua vingança...

Grace Beresford é a filha de um homem que lhe deu um prejuízo de milhões. É a oportunidade perfeita para Javier se vingar e conseguir uma esposa que lhe convenha.

Vingança, paixão... e um casamento de conveniência!

Não importa que Grace o odeie. Tudo que ele quer é seu corpo. Ainda que o rejeite, conseguirá ela resistir a seus instintos e se contentar em ser sua esposa apenas no papel?

Digitalização: Simone Ribeiro

Revisão: Crysty

Querida leitora,

Grace Beresford não sabia o que a esperava ao se envolver com o poderoso e irresistível Javier Herrera. Afinal, ele precisava apenas se casar para satisfazer as condições necessárias para herdar o banco da família. Ela o odiava, mas ele não se importava. Afinal, possuir seu corpo já o satisfaria...

Equipe Editorial Harlequin Books

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II
B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão,
no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas
ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE SPANISH DUKE'S VIRGIN BRIDE
Copyright © 2007 by Chantelle Shaw
Originalmente publicado em 2007 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa: Isabelle Paiva
Editoração Eletrônica:
ABREU'S SYSTEM
Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037
Impressão:
RR DONNELLEY
Tel.: (55 XX 11) 2148-3500
www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907
Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o
DISK BANCAS: (55 XX 21) 2195-3186
Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:
Caixa Postal 8516
Rio de Janeiro, RJ — 20220-971
Aos cuidados de Virgínia Rivera
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

— Você deve estar brincando!

O duque Javier Alejandro Diego Herrera se afastou da janela do castelo e da visão deslumbrante dos campos da Andaluzia, e olhou o homem à sua frente.

— Garanto que não brincaria com um assunto tão sério — respondeu Ramon Aguilar secamente. O bigode grisalho disfarçava a indignação, mas o tremor das mãos que seguravam os documentos traía nervosismo. — O testamento de seu avô é bastante específico. Se você não casar antes de completar trinta e seis anos o controle do Banco Herrera irá para seu primo Lorenzo.

Javier franziu as sobrancelhas.

— *Dios!* Como dizia meu avô, Lorenzo é fraco como uma criança. Não tem energia nem ambição. Diga, *o que ele tem*, para levar Carlos a considerá-lo um sucessor mais confiável que eu na presidência do banco? — A fúria substituiu a incredulidade. Em sua ira, o novo duque era imponente, e o Sr. Aguilar pigarreou nervosamente.

— Ele tem uma esposa — murmurou.

A observação caiu na sala como um raio. Javier, que andava pela sala como um tigre enjaulado, parou e dirigiu toda a atenção ao infeliz advogado, que fora o confidente mais leal e antigo de Carlos Herrera.

— Desde que eu tinha dez anos, meu avô me preparou para substituí-lo como chefe da família Herrera, e, mais importante, como presidente do Banco Herrera. Por que mudaria de idéia de repente?

O duque está morto; longa vida ao duque, pensou Javier cinicamente. Não se importava com o título de aristocracia. Seu interesse era controlar o banco da família. Seu pai, filho de Carlos, já falecera. Fernando fora expulso da família muito tempo antes que uma overdose o matasse. Como herdeiro mais próximo, Javier assumira o título de duque de Herrera, mas, aparentemente, o controle do banco — a jóia da coroa — lhe era negado.

— Você quer dizer que meu direito é negado porque meu primo é casado, e eu, não? Este é o único motivo? — perguntou, amargo. Os olhos cor de âmbar

chisparam, antes que ele readquirisse o controle habitual sobre suas emoções, e seu rosto fosse uma máscara de extrema arrogância.

— O último desejo de seu avô foi deixar o banco nas mãos de quem garantisse a continuidade de seu sucesso.

— *Eu sou esse homem* — resmungou Javier. Ramon Aguilar prosseguiu, como se não o ouvisse.

— Recentemente, o conselho do banco manifestou algumas preocupações. Carlos partilhava algumas delas.

Enquanto falava, Ramon espalhava algumas fotografias sobre a mesa. Todas mostravam Javier na companhia de diferentes mulheres, que tinham em comum os cabelos louros e um decote generoso.

Javier olhou as fotos, indiferente. Aquelas mulheres não passavam de acompanhantes vistosas, e ele sequer lembrava o nome da maioria, apesar de ter com elas partilhado sexo mutuamente satisfatório, livre de compromissos e de sentimentos.

— Não sabia que meu avô esperava que eu fizesse voto de castidade — disse ele com desdém.

— Não esperava. De acordo com o testamento, queria que você encontrasse uma esposa — disse Ramon Aguilar calmamente. — Pelo que calculei, você tem dois meses para isto, ou perderá o controle do banco para Lorenzo. O banco Herrera é uma instituição tradicional, à moda antiga...

— Que pretendo adaptar ao século XXI — Javier interrompeu.

— Carlos aprovava seu desejo de inovação, e reconhecia que o banco precisa ser modernizado, mas isto é algo que você só vai conseguir com apoio do conselho — ponderou Ramon. — A diretoria é cautelosa e teme mudanças. Deseja um presidente que compartilhe seu senso de decência e moralidade, e que leve uma vida familiar. Não gosta de vê-lo fotografado com suas amantes, nas páginas dos tablóides. Carlos temia que sua... vida social agitada afetasse seu julgamento de maneira negativa. Soube que houve problemas na filial inglesa do banco. O gerente que você nomeou, Angus Beresford, foi uma péssima escolha.

Um único erro. Durante os últimos meses, após descobrir o tamanho do desfalque de Angus Beresford, Javier se atormentara por saber que, pela

primeira vez, falhara ao julgar o caráter de alguém. Não precisava que Ramon o lembrasse daquilo.

— A situação está sob controle. Estou cuidando de tudo, e fique certo que cuidarei de Beresford — resmungou furioso.

Javier cruzou a sala para apreciar novamente a vasta propriedade dos Herrera. Era senhor de tudo, mas sentia-se privado de sua coroa. O banco Herrera *lhe* pertencia. Esperara vinte e cinco anos por aquele momento, e saber que seu avô, não apenas duvidara de sua capacidade, mas também expressara sua dúvida aos colaboradores, era algo difícil de admitir.

— Sou o melhor homem para o cargo — disse ele.

— Como Carlos pôde duvidar, por causa de algumas fotos tiradas pelos malditos *paparazzi!* Casamento! *Madre de Dios*, que bem fez o casamento a meu pai? Minha mãe era bailarina de flamenco de um circo itinerante, e destruiu a vida de Fernando com seus casos amorosos. Acredite, jamais deixarei uma mulher ter tanto poder sobre mim. O casamento infeliz de meus pais é uma péssima propaganda do sagrado matrimônio — falou Javier com sarcasmo. — O que levou Carlos a acreditar que eu gostaria de tentar?

— Com certeza, seu avô esperava que escolhesse uma noiva com o mesmo tipo de educação que você recebeu, alguém que entendesse as responsabilidades do papel de esposa de um duque — murmurou Ramon. — Na verdade, Carlos me confidenciou pouco antes de morrer que esperava que você casasse com Lucita Vasquez.

— Deixei claro que não me casaria com uma menina de dezessete anos. *Dios*, Lucita ainda é estudante — explodiu Javier.

— Ela é jovem, mas daria uma excelente duquesa. Além disso, o casamento teria a vantagem de unir duas das maiores famílias do setor bancário. Pense nisso. Os bancos Herrera e Vasquez unidos, sob seu comando.

A última conversa que tivera com o avô seguira aquele mesmo caminho, e Javier não negava que a união de dois dos maiores bancos da Espanha tinha seu atrativo. Carlos lançara a isca, mas ele fora mais esperto. Percebera que tudo não passava de uma tentativa do avô para controlá-lo, mesmo depois de morto. Seu amigo mais antigo, Miguel Vasquez, estaria presente para vigiar Javier que, além

disso, estaria atado a uma criança mimada que não fazia segredo de sua paixão adolescente por ele. Carlos não se deixara impressionar pela recusa do neto em desposar Lucita. Após a conversa amarga entre eles, instruíra Ramon a mudar seu testamento. Esperava que a pressão para encontrar uma esposa em tão pouco tempo forçasse Javier a casar com Lucita. Esquecera apenas um detalhe: Javier era tão teimoso quanto ele. Se tivesse de casar, casaria com alguém de sua escolha.

Javier decidiu pedir à sua equipe de advogados que analisasse o testamento, mas sabia que seria perda de tempo. Carlos sempre fora esperto como uma raposa e a morte não diminuía seu poder. Ganhara a primeira rodada, mas Javier estava determinado a ganhar o jogo, e nada o deteria, nem mesmo o obstáculo de ter de encontrar uma esposa.

— Tenho dois meses para escolher uma duquesa — disse Javier friamente. Sentou e observou o advogado do outro lado da mesa. Ramon Aguilar parecia cansado e abatido. Durante quarenta anos fora conselheiro legal de Carlos e, sem dúvida, a morte deste o afetara bastante. Ramon não tinha culpa, reconheceu Javier com pena. — Acha que vou conseguir, Ramon? — disse com um sorriso confiante.

— Sinceramente, espero que sim — respondeu Ramon —, se deseja se tornar o próximo presidente do banco.

— É tudo que sempre desejei, e, não se engane, não há algo que eu não faça para conseguir o que quero.

O rosto de Javier se tornou duro, implacável e frio.

Ramon reconheceu em Javier a vontade inabalável que herdara do avô, e sentiu uma onda de simpatia pela mulher desconhecida que logo se tornaria duquesa de Herrera. Diante do charme hipnótico de Javier, ela não resistiria, e não era sua tarefa adverti-la de que, tradicionalmente, os casamentos dos Herrera eram feitos no inferno, não no céu.

Javier levantou e estendeu a mão para o velho advogado.

— Encontro você daqui a dois meses, para apresentá-lo à minha esposa.

Mentalmente, repassava a lista das várias amantes que tivera, avaliando qual delas concordaria com o casamento mais rápido da história. Teria de

oferecer um incentivo monetário, pensou divertido, a ser pago na data do divórcio. Queria ter certeza de que não haveria ilusões de que o casamento seria do tipo "felizes para sempre".

Ramon Aguilar levantou.

— Vou aguardar. Quando completarem um ano de casados, terei prazer em lhe passar oficialmente o controle do banco Herrera. Até lá, presumindo que encontre uma noiva antes de seu aniversário, você continuará a ser presidente do banco, mas todas as decisões importantes terão de ser submetidas à minha aprovação e à da equipe legal.

— Um ano! — A tensão contida explodiu. Javier arrancou o testamento das mãos do advogado, consultou-o cuidadosamente e atirou-o sobre a mesa.

— Seu avô agiu em nome do interesse do banco — Ramon começou a explicar, mas parou diante do olhar gélido que recebeu.

Javier ergueu a cabeça e deu um sorriso sarcástico.

— Não se engane, Ramon. Vou conseguir o que é meu por direito, e nada, muito menos a vontade de um morto, vai me impedir.

CAPÍTULO DOIS

O guia informava que o castelo de Leon era um forte mourisco do século XII, construído no alto das montanhas de Sierra Nevada, que cercavam a cidade de Granada. A estrada até o castelo era íngreme, e Grace reduziu a marcha do carro ao fazer uma curva. Mais um pouco, estaria nas nuvens, pensou ao olhar o castelo, que parecia encravado perigosamente nas rochas. À distância, os cumes das montanhas estavam cobertos de neve, mas aqui, a paisagem era verdejante e viçosa. Chovia. O tempo nublado condizia com seu humor, reconheceu Grace.

— Chove há três dias — dissera o gerente do hotel, quando Grace chegara a Granada —, o que é bastante incomum no final da primavera. Mas amanhã o sol vai brilhar e você ficará feliz.

Mal sabia o gerente que seria necessário muito mais que aquilo para

levantar seu ânimo, pensou ela com um suspiro. Por um momento, lembrou do pai abatido, a barba por fazer, jogado numa cadeira. O diretor de banco orgulhoso e elegante desaparecera, dando lugar a um homem que atingira seu limite emocional.

— Não há nada que você possa fazer, docinho — dissera-lhe Angus, tentando sorrir.

No pior momento, ainda tentara proteger a única filha, e aquilo só a deixara mais determinada a procurar uma solução. Não podia ser tão ruim assim, ela insistira. O pai era seu herói, o melhor homem do mundo, mas o tamanho do desfalque que dera no banco a fizera cambalear. Ela compreendia seus motivos. Durante anos, ele presenciara a saúde e a mobilidade da esposa deteriorarem, como resultado de uma doença neuronal progressiva. Angus percorrera o mundo em busca de uma cura. Tentara de tudo, desde fitoterapia chinesa a tratamentos holísticos, além de um tratamento caríssimo nos Estados Unidos, para aliviar o sofrimento da adorada mulher. Tudo fora em vão, e Susan Beresford morreria dois anos antes, a poucas semanas de Grace completar vinte e um anos.

Até poucas semanas atrás, Grace não sabia que seu pai custeara o tratamento da mãe com apostas, nem que seu vício fugira ao controle e o levara a pegar dinheiro "emprestado" do banco da Europa, filial inglesa do banco espanhol Herrera, para pagar suas dívidas.

— Eu pretendia devolver tudo, juro — gemera Angus, quando Grace se mostrara chocada pela gravidade do que ele fizera. — Um pouco de sorte, era tudo que eu precisava. Teria devolvido o dinheiro, fechado a conta falsa que abri, e ninguém iria saber.

Agora, todos sabiam. Um auditor cuidadoso percebera as irregularidades, o que levou a uma investigação mais detalhada. As suspeitas foram comunicadas à chefia do banco Herrera, e só restara a Grace esperar e observar seu mundo desmoronar, levando seu pai de roldão.

Com um gemido de desgosto, ela voltou ao presente. A estrada continuava a subir, ladeada por árvores que formavam um arco sobre a pista. Preparou-se para fazer mais uma curva fechada, e engasgou, agarrando o volante. A beira da estrada dava para um terrível precipício que se abria a seu lado.

— Santo Deus — murmurou Grace, sem fôlego. As palmas de suas mãos ficaram úmidas de suor quando se deu conta de que, um movimento em falso, e rolaria abismo abaixo. Tinha pavor de altura, e sua cabeça começou a rodar, deixando-a enjoada. Por um momento, pensou em voltar, mas a estrada era muito estreita e não conseguiria manobrar o carro. Além disso, pensou ela amargamente, tinha uma missão a cumprir.

O castelo de Leon era a mansão ancestral dos Herrera, e ela esperava que o novo duque estivesse em casa. As cartas que lhe mandara tinham ficado sem resposta, e todas as tentativas de contatá-lo por telefone tinham sido infrutíferas. Em desespero, Grace viajara até o escritório do banco em Madri, e dali voara até Granada, onde fora informada que o presidente estava em sua residência particular, nas montanhas. Falaria com Javier Herrera, ou morreria tentando, prometeu a si mesma. Afastou os olhos do precipício e se concentrou na estrada. Para seu alívio, logo o caminho se tornou plano, e, quando fez a curva seguinte, o castelo surgiu diante dela, uma enorme fortaleza de aparência sombria e hostil sob a chuva.

Ao sair do carro, seu coração disparou. Todos os seus músculos doíam, e não sabia se era pela tensão de ter dirigido montanha acima, ou se pela perspectiva de encontrar Javier Herrera.

O castelo era um exemplo impressionante da arquitetura mourisca, mas os olhos de Grace se fixaram na porta de entrada imponente e maciça, ladeada por dois leões de pedra, que pareciam espreitá-la, silenciosos, à espera de atacar. Estremecendo, Grace pensou que não gostaria de estar ali quando escurecesse. Preferiria não estar ali agora, mas o duque de Herrera era a única pessoa que tinha o poder de salvar seu pai e, quanto antes o visse, melhor. A chuva fina ensopava seu leve vestido, arrepiando-lhe a pele. Rapidamente, Grace voltou ao carro para pegar seu xale de cashemire, uma extravagância que se permitira antes de descobrir os problemas financeiros do pai. Agora ele era luxo escandalosamente caro, mas pelo menos era quente e, enrolando-o nos ombros, subiu os degraus do castelo. Ia tocar a campainha quando a porta abriu de repente, e apareceram duas pessoas. Uma delas era, sem dúvida, um empregado do castelo. A outra era um homem baixinho e mais velho, com um vistoso bigode.

— Estou procurando o duque de Herrera — disse ela nervosa, grata pelos

feriados que passara com a tia Pam, em Málaga, durante os quais adquirira sua fluência em espanhol.

— Se dá valor à vida, *senorita*, não recomendo tal coisa — disse o homem mais velho. — O duque não está de bom humor.

Pelo menos ele está no castelo, pensou Grace, esperançosa. Javier Herrera estava ali, e era preciso convencer o mordomo de rosto impassível a conduzi-la até ele. Muito tempo depois, ela ainda estava nos degraus, acompanhada pelos leões.

— Por favor — pediu pela última vez, enquanto a porta se fechava.

— Desculpe, mas é impossível. O duque jamais recebe visitas sem convite — insistiu o mordomo.

— Se você lhe disser que estou aqui... Prometo que serão apenas cinco minutos. — O som desesperado da voz de Grace ecoou na porta de madeira, e mesmo os leões pareciam indiferentes. Frustrada, Grace reagiu como criança e começou a chutar a porta. O castelo fora construído como defesa contra os exércitos invasores, e uma mulher como ela, com pouco mais de 1,65m de altura, não tinha a menor chance de quebrar aquele bloqueio.

— Maldição, Javier Herrera — disse Grace engolindo as lágrimas. Parecia não ter outra opção a não ser entrar no carro e descer a montanha, mas não suportava a idéia de que fracassara. O pai costumava dizer que, o que lhe faltava em centímetros, sobrava em teimosia... Não desistiria. O duque de Herrera estava ali, e devia haver algum modo de chegar até ele e fazer com que a ouvisse.

Grace pensou no pai, em seus olhos vermelhos pela falta de sono e o corpo, antes tão forte, alquebrado pela perda de apetite. O médico lhe dissera que ele estava prestes a ter uma crise nervosa. Se conseguisse amenizar o terror que ele sentia de ser preso, uma possibilidade real, de acordo com o Sr. Wooding, advogado da família, não ficaria tão deprimido.

A chuva parara, e, apesar do céu nublado, alguns raios de sol apareciam. Do outro lado do pátio, Grace percebeu um portão de ferro na parede do castelo. Provavelmente estaria trancado, pensou ela, aproximando-se. Para sua surpresa, o portão estava aberto e ela entrou rapidamente. O jardim era primoroso, uma visão do paraíso. As águas límpidas de uma série de fontes refletiam a folhagem

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

